

Editorial

PÉ NO
FREIO

O Fundo Monetário Internacional está recomendando o aumento dos gastos públicos para enfrentar a crise econômico-financeira mundial. Segundo a instituição, o mundo crescerá menos de 2.2% em 2009. Mas a previsão pode ser pior, beirando a recessão. Se tal acontecer, a perspectiva é a demanda internacional recuar ainda mais.

Tradicionalmente, o FMI recomenda aos países em dificuldades a contenção de gastos. Desta vez, ele aconselha os investimentos em infraestrutura. A razão é óbvia: em todo o mundo, as empresas estão adiando projetos, suspendendo operações, desativando trabalhadores. Em vários países, o nível de endividamento da população é preocupante.

Falta dinheiro no mundo. De repente, vítima de uma crise de confiança global, o sistema parou de comprar, fazendo os preços dos produtos despencarem e a economia chegar próximo à paralisia. Os Estados são a tábua de salvação. Mas, para isso, é preciso que tenham reservas suficientes para sustentar a atividade econômica, enquanto a crise durar.

O governo brasileiro acertou ao adotar medidas emergenciais cabíveis para o curto prazo, mas elas não serão suficientes para o longo prazo. O país desperdiçou oportunidades torrando recursos na época da bonança. A dívida social brasileira e a generosidade do presidente ensejaram a adoção de uma política social clientelista, distribuindo bolsas e aumentando o Estado.

A popularidade do presidente e seu governo atingiu, com isso, níveis nunca vistos. Mas tudo isso está sob risco. O governo não tem como deslançar os investimentos, mas continua a fazer gastos improdutivos. Este ano, o Executivo criou 70 mil novos cargos. No Congresso, tramitam projetos que criam mais 37 mil cargos. A justificativa é a modernização do Estado.

A sociedade não tem condições de suportar esses encargos. A arrecadação já dá sinais de queda. O governo confia demais no carisma do presidente. Uma hora, a casa cai.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR	Vittorio Medioli
PRESIDENTE	Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE	Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO	Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO	Marcos de Oliveira e Souza
GERENTE COMERCIAL	EDITORA GERAL
Rodrigo Simões	Lúcia Castro
GERENTE DE CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS	SECRETÁRIAS DE REDAÇÃO
Ricardo Botelho	Michele Borges da Costa Regiane Marques Sampaio
GERENTE INDUSTRIAL	CHEFE DE REPORTAGEM
Guilherme Reis	Ricardo Corrêa
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO	EDITORES
Walmir Prado	Primeira Página: Denner Taylor; Opinião: Victor de Almeida; Economia: Karlon Aredes; Política: Carla Kreefft; Magazine: Silvana Mascagna; Fotografia: Leonardo Lara Brasil/Mundo: Carla Chein Esportes: Rogério Tadeu
GERENTE DE MARKETING	
Alessandra Soares	
CONSULTOR DE TECNOLOGIA	
Marco Guinter	

O.PINIÃO

Duke

A CRISE FINANCEIRA MUNDIAL,
A ALTA VOLATILIDADE
DOS MERCADOS,
A FALTA DE LIQUIDEZ,
A ESCASSEZ DO CRÉDITO E
O RISCO DE RECESSÃO,

EU PREFERIA QUANDO
VOCÊ DIZIA QUE SÓ
ESTAVA COM DOR
DE CABEÇA!!!



Duke
www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O espírito dos natais passados:
Natal ou Dia do Nascimento?

Um privilégio ler Dickens num lugar no meio do nada

Lá na Palestina, hoje Graça Aranha (MA), não dizíamos dia de Natal, mas Dia do Nascimento. Após ler “Um Cântico de Natal” (1843), de Charles Dickens (1812–1870), entendi que a data era a mesma. Dickens narra que o avaro Ebenezer Scrooge detestava o Natal. Mudou de idéia depois das visitas do Espírito dos Natais Passados; do Espírito dos Natais Presentes; e do Espírito dos Natais Futuros.

“Um Cântico de Natal” não é, a rigor, um livro infantil, mas eu o li na infância. Um privilégio. Não só porque Charles Dickens é Charles Dickens. Mas por ter lido um clássico natalino universal num lugar no meio do nada, onde quase ninguém sabia ler, há quase meio século. Heranças do meu pai. Legou-me o mundo através da leitura. Lá em casa não faltavam “O Cruzeiro”, “Seleções” e o “Almanaque do Pensamento”, que ele consultava para fechar negócios e quando ia viajar. Papai trazia revistas de Walt Disney de suas viagens a Caxias, onde abastecia o seu “Armazém” de móveis Cimo, bicicletas Monark, cofres e máquinas de costura Singer; e comercializava peles (leia-se: couros de bode, de carneiro, de onça e de gato maracajá).

Na Palestina, comemorávamos o nascimento de Jesus de modo singular. Não havia padre (cidade sem padre é algo sem prestígio), mas dona Ana do “seu” Diassis (sábio farmacêutico prático) – zeladora da igreja (esqueci a santa padroeira!) –, dias antes do 25 de dezembro, erguia no templo um presépio que até hoje acho o mais lindo do mundo. No Dia do Nascimento, o presépio era um arrozal verdinho, salpicado de

gaiolas de passarinhos e iluminado por velas! Em torno dele, na noite de 24 para 25, era puxado um terço e entoados muitos “bendito louvado seja”.

Em casa, nos empanturrávamos de café com leite e bolos e mal deitávamos, rompendo a madrugada, ouvíamos o batuque do “reisado” glorificando o Menino Jesus: “Ô de casa, ô de fora/Que hora tão excelente/É o glorioso santo Reis/Que vem do Oriente...” Eu me pela-va de medo dos “caretas” dos “santos reis”, mas amava “cantigas de reis”. Nada de Missa do Galo (não havia padre,

Natal é a deferência que nutro pela memória cultural dos ritos da religiosidade popular, de “um tempo de bondade, perdão, caridade e alegria”

já disse!) e ceia de Natal. Nem presentes. Só no Ano Novo havia o “pagamento de alvíssaras” – prenda que se dá a quem traz boas novas.

O “almoço do Dia do Nascimento” era leitão e peru, cuja carcaça era degustada no dia seguinte numa “quiabada” – ossada de peru com quiabo, prato dos mais deliciosos. Mantenho a tradição: faço “quiabada” do peru de Natal.

Vestíamos roupas novas no Dia do Nascimento e no Dia de Ano (Ano Novo). Mamãe, afamada costureira, se esmerava para vestir a filharada (sete). Na semana que antecedia o Natal, ela costurava até alta madrugada. Vovó, Alberti-

na (cozinheira da vovó) e a tia Do Amparo (irmã do papai) ajudavam nos acabamentos das roupas, fazendo bainhas, pregando botões etc. E eu fazendo roupas de bonecas com os retalhos dispensados, mas também surrupiando pedaços de panos que eram do meu interesse.

Diziam que eu era “respondona”, “perguntadeira”, “bulia” muito e era traquina demais. Pura verdade! Uma vez fiz um vestido de boneca com uma gola marinheira de um vestido meu! Quando mamãe foi pregar a tal gola, cadê? No Dia do Nascimento, toda faceira, na igreja, eu envergava uma melindrosa de gola marinheira... Demais, não? Hoje, na condição de agnóstica, Natal é a deferência que nutro pela memória cultural dos ritos da religiosidade popular, conforme Dickens, de “um tempo de bondade, de perdão, de caridade e de alegria” do sertão onde nasci.

